

EDITORIAL

Aginaldo Cuoco Portugal – Editor Responsável

Este é o primeiro de dois números da *Revista Brasileira de Filosofia da Religião* dedicados principalmente a textos apresentados no XI Congresso da Associação Brasileira de Filosofia da Religião - ABFR, ocorrido entre 26 e 30 de maio de 2025, na Universidade do Vale do Acaraú, em Sobral, Ceará. O tema central do evento foi a relação entre religião e cultura, especificamente o problema de Deus – seu conceito, o modo como nos relacionamos com o divino, entre outras questões – em uma sociedade pluralista. Apesar de específico, o assunto permite múltiplas abordagens, como se verá por esta primeira leva de textos trazidos nesta publicação.

O primeiro trabalho publicado aqui (“O Espírito que reúne tudo: unidade, pluralidade e totalidade - O Espírito que nos une a todos: Unidade, Pluralidade e Totalidade”) é um ensaio de Martín Grassi, que é professor na *Universidad Católica Argentina*, em Buenos Aires. Grassi propõe um questionamento acerca da relação entre religião e cultura que envolve um pressuposto político fundamental do cristianismo em sua expressão no mundo. Mais concretamente, o ensaio aponta para raízes monárquicas no modo como a religião cristã se entendeu, organizou-se e atuou. Em um mundo pluralista, onde mesmo as monarquias são (com poucas exceções) parlamentarismos democráticos, que desafios se colocam para o cristianismo? O título mesmo, que inclui ao mesmo tempo unidade e pluralidade, já aponta para as dificuldades dessa situação. A reflexão é muito instigante e, não à toa, foi uma das conferências plenárias do Congresso da ABFR.

O primeiro dos cinco artigos deste número é de Eduardo Gross, coordenador do GT de Filosofia da Religião da ANPOF e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora. O tema é uma aparente mudança de posição de Filipe Melanchthon, um dos principais pensadores do início do movimento protestante, no século XVI, acerca de uma questão de grande relevância social, a propriedade dos bens. Gross apresenta uma tese para explicar por que Melanchthon parece abandonar uma concepção distributivista para adotar uma que favorece a propriedade privada. Premissas filosóficas e teológicas desempenham função importante na reflexão de um caso historicamente marcante da relação entre religião e sociedade.

O artigo seguinte é de Márcio Gimenes de Paula, professor da UnB. O texto descreve as ideias do filósofo, teólogo, médico e ganhador do Prêmio Nobel da Paz Albert Schweitzer sobre a interface entre a cultura e a ética, intermediadas pela religião. O desafio da sociedade pluralista tematizado pelo Congresso da ABFR se mostra no choque cultural enfrentado pelo pensador alemão em seu período na África. Gimenes aborda as questões enfrentadas por Schweitzer, o quanto ele aprendeu e ensinou em sua experiência africana, os limites e alcances da vivência dessa figura notável do século XX.

Paulo Estevão Cavalcanti é pesquisador colaborador do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UnB e propõe refletir sobre a relação entre religião e inovação a partir da noção de

“tradição inventada”, criada pelo historiador britânico Eric Hobsbawn. Cavalcanti aprofunda criticamente a compreensão do que vem a ser uma tradição, a importância que essa ideia tem para caracterizar as religiões e o quanto a noção de Hobsbawn permite entender a dinâmica envolvida no desenvolvimento histórico das religiões. O fato de que as religiões mudam historicamente implicaria algum problema para o caráter necessário de seu objeto de culto que certas religiões reivindicam? Isso colocaria em questão a alegação de o conteúdo proposicional de suas crenças é verdadeiro? Essas são algumas das perguntas que o artigo permite levantar.

Alexsandro Melo Medeiros é professor na Universidade Federal do Amazonas e seu artigo “O valor do misticismo filosófico em Henri Bergson” traz resultados de sua pesquisa atual sobre o pensamento desse importante autor do século XX em filosofia da religião. Segundo Medeiros, Bergson traz uma contribuição importante para a compreensão do valor epistemológico das experiências místicas, na linha de outras propostas nesse sentido, como as de William James, Rudolf Otto, Mircea Eliade ou William Alston. O artigo ajuda a preencher uma lacuna nessa linha, esclarecendo as ideias de um pensador ainda pouco explorado entre nós.

O último dos artigos na ordem de apresentação deste número aborda também uma questão última: a escatologia ou, mais especificamente, as bases filosóficas de doutrinas acerca do fim da existência, segundo a concepção cristã da ressurreição. Em “Cosmologia e escatologia: uma análise de eventos na interface do tempo e sua negação”, Ana Maria Correa Moreira da Silva usa elementos centrais do debate acerca do tempo em metafísica contemporânea. Ela não se intimida diante de uma questão de enorme complexidade e nos ajuda a entender melhor as possibilidades e dificuldades de uma versão particular dessa doutrina cristã acerca da imortalidade, numa rara combinação de clareza e profundidade.

Por fim, este número da *Revista Brasileira de Filosofia da Religião* traz dois conteúdos de grande utilidade para a comunidade filosófica dedicada a temas de religião. Andrei Martins apresenta a tradução de um verbete de William Alston sobre o difícil e, ao mesmo tempo, incontornável conceito de religião, publicado na prestigiosa *Encyclopedia of Philosophy*, editada por Paul Edwards (1967). A tradução pode ajudar no ensino da matéria em disciplinas de pós-graduação e graduação em países de língua portuguesa. Na verdade, por sua clareza, pode ser usada mesmo em círculos não acadêmicos ou até no ensino médio. O segundo conteúdo, com o qual este número se completa, é a resenha, escrita por David Machado, de um livro lançado no XI Congresso da ABFR, o *Compêndio de Filosofia Analítica da Religião*. O texto descreve os dezenove capítulos dessa obra que percorre alguns dos principais temas dessa área desde uma perspectiva contemporânea, usando recursos formais de análise, dialogando com as ciências e buscando uma reflexão argumentativa e clara – algumas das características da chamada “abordagem analítica” em Filosofia –, mas sem perder de vista a referência histórica.

Com este número, damos mais um passo no sentido da consolidação de nossa *Revista* como referência para o pensamento filosófico brasileiro sobre o fenômeno religioso e a serviço daqueles que pesquisam e ensinam nessa área.

Agnaldo Cuoco Portugal é professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, onde leciona desde 1991. Foi presidente da Associação Brasileira de Filosofia da Religião (ABFR) entre 2010 e 2015

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Internacional License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).